



**CEAD**  
Centro de Educação  
Aberta e a Distância



**DEETE**  
Departamento de  
Educação e Tecnologias

**PROEX**  
Pró-reitoria de extensão

**REVISTA DO FÓRUM INTERNACIONAL DE IDEIAS**

# Revista do Fórum Internacional de Ideias

Versão em Português

Volume 8, número 1

**As eleições de 2018 e a situação política do Brasil**

ISSN: 2527-1377

Universidade Federal de Ouro Preto

Reitora: Prof<sup>a</sup>-Dr<sup>a</sup> Cláudia Aparecida Marliére de Lima

Vice-Reitor: Prof-Dr Hermínio Arias Nalini Júnior

Pró-Reitor de Extensão: Prof-Dr Marcos Eduardo Carvalho G. Knupp

Centro de Educação Aberta e a Distância

Diretor: Prof-Dr Helton Cristian de Paula

Vice-Diretora: Prof<sup>a</sup>-Dr<sup>a</sup> Kátia Gardênia Henrique da Rocha

Departamento de Educação e Tecnologias

Chefia: Prof<sup>a</sup>-Dr<sup>a</sup> Carlas Mercês da Rocha Jatobá Ferreira

Programa de Extensão Fórum Internacional de Ideias

Coordenador: Professor-Doutor Antonio Marcelo Jackson Ferreira da Silva

Bolsistas:

Julia Barbosa Massa Correa

Sofia Fuscaldi Cerezo

**Antonio Marcelo Jackson Ferreira da Silva:** Doutor em Ciência Política pelo IUPERJ; Professor da Universidade Federal de Ouro Preto (Brasil).

**José Medeiros da Silva:** Doutor em Ciência Política pela USP; Professor da Universidade de Estudos Internacionais de Zhejiang (China).

**Edson Sardinha:** Formado em Jornalismo pela Universidade Federal de Goiás. Integra a equipe do site Congresso em Foco desde seu lançamento em 2004.

### **As eleições de 2018 e a situação política do Brasil**

**Professor Antonio Marcelo Jackson:** Pensar os resultados surpreendentes das eleições gerais de 2018, a renovação no Congresso Nacional e esses três primeiros meses do governo de Jair Bolsonaro. Esses são os temas do nosso Fórum Internacional de Ideias, com Edson Sardinha, formado em Jornalismo pela Universidade Federal do Goiás e editor chefe do site Congresso em Foco, com toda a certeza o principal site de notícias de política do Brasil nos últimos anos. Além do Edson, temos também José Medeiros da Silva, nosso cofundador do Fórum, diretamente da cidade de Hangzhou, na China. José é professor da Universidade de Estudos Internacionais de Zhejiang e eu, Antonio Marcelo Jackson, da Universidade Federal de Ouro Preto.

Edson, gostaria que você fizesse uma síntese da eleição estranhíssima que foi a eleição de 2018 e esses três primeiros meses de Jair Bolsonaro. A palavra é sua, meu amigo.

**Edson Sardinha:** A eleição de 2018 pegou muita gente de surpresa, no sentido de que havia uma expectativa em relação ao congresso por causa das regras eleitorais, como por exemplo, os parlamentares que estavam no mandato e tinham uma verba maior para receber do partido. O que se viu foi uma eleição com muita renovação no senado, a maior renovação desde a democratização do país, e na câmara, a segunda maior nesse mesmo período. Diversos parlamentares eleitos pegaram carona com a candidatura do Jair Bolsonaro, com aquele discurso de linha dura, e o Congresso ficou muito mais conservador, a direita cresceu muito, e o centro praticamente deixou de existir, se encolhendo muito. O MDB, por exemplo, foi um partido que se desgastou bastante. Já o Senado abre esta legislatura com vários parlamentares que não tinham nenhum passado na política. Na Câmara, este fenômeno foi bem mais interessante porque tem mais de 130 deputados que nunca exerceram nenhum cargo político antes desse primeiro mandato. Então, temos aí um Congresso que ainda está tateando muito, porque é um Congresso com muitos atores novatos na política, que se elegeram com um discurso contra o sistema, mas que não conseguem atuar bem ou apontar soluções, ou seja, como fazer diferente.

Esse é um problema que o próprio presidente Bolsonaro está enfrentando, também. Ele diz que quer fazer diferente, mas não sabe o que fazer. Esses três meses mostram que ele está completamente perdido. É um governo muito confuso, pois é formado por vários setores, a saber, o setor financista, coordenado pelo Paulo Guedes, setores religiosos, os evangélicos, sobretudo, que despejaram 10 milhões de votos a mais no Bolsonaro do que no Haddad. Têm os militares, um contingente importante, talvez o

mais qualificado entre os ministros do ministério, do Governo; e, por fim, têm algumas figuras com um certo messianismo, figura polêmicas. Enfim, acho que ficou uma colcha de retalhos. É um governo com setores conservadores que não está “dando liga”. Os militares, por exemplo, formaram um núcleo forte dentro do governo, mas que estão tendo embates com o próprio Bolsonaro - de certo modo, tentando tutelar seus arroubos. Tem evangélicos, com um discurso que não agrada a economia, o mercado ou os próprios militares. Quer dizer, estão voltados para a campanha política de ter como inimigo a esquerda, o PT, o comunismo e parece que não têm um propósito para o país, deixando de lado coisas estratégicas como a própria educação. Esses três meses foram quase que completamente perdidos para o governo.

**Professor Antonio Marcelo Jackson:** Professor José, algum comentário? Eu tenho algumas perguntas aqui, mas eu passo a palavra para você democraticamente.

**Professor José Medeiros:** Professor Antonio, por favor, vamos ouvir as suas perguntas.

**Professor Antonio Marcelo Jackson:** Primeiro, essa fragmentação na eleição de 2018. Estou pensando na Câmara dos Deputados, principalmente, onde Edson colocou de uma forma muito precisa, essa desidratação do centro e ao mesmo tempo uma renovação brutal dos elementos de extrema direita, ou de direita, pura e simples. A partir dessa renovação criaram situações completamente anômalas e atípicas dentro do meu ponto de vista. É o que coloco em discussão aqui. Tais como, aceitar a Presidência da Câmara ou mesmo a do Senado de um partido como o DEM (Democratas) - na Câmara está com 29 deputados. Em condições normais um partido com 29 deputados federais jamais faria um Presidente da Câmara. É uma coisa completamente atípica. Isso faz com que, por um lado, com essa inexperiência de boa parte dos congressistas, isto os obrigaria a aceitar a liderança ou presidência de alguém que soubesse como “apertar o botão” - é essa a expressão que sempre usei. Então, o Rodrigo Maia cai como uma luva nesse aspecto: é um sujeito que sabe apertar o botão. Agora, o partido dele é completamente insignificante nos dias de hoje.

Por outro lado, há a ausência de projeto de governo, porque se reduzirmos todo o projeto de governo a uma reforma da previdência – que, na verdade, praticamente todos os governos fizeram – esta reforma que está em pauta tem muito a ver com a discussão que estava no Governo Temer (não será a reforma que o Paulo Guedes deseja). Nem mesmo chego a citar que entre os militares não há consenso.

Dito isto, coloco em discussão essa fragmentação partidária, que permite um partido hoje insignificante tomar a Presidência. E, em segundo lugar, essa clara percepção de que não há projeto de Governo. Parece que ganharam “sem querer” e que eles mesmo não esperavam essa vitória.

**Professor José Medeiros:** Vamos ouvir o Edson, que está em Brasília, dentro do Congresso, e tem não só a capacidade de análise, mas também da percepção sensitiva sobre os grupos, as tendências políticas em curso, enfim, de como será essa legislatura.

**Edson Sardinha:** Já temos três meses e o Governo não conseguiu montar uma base parlamentar até hoje: a base do Governo se restringe basicamente a seu partido, PSL (Partido Social Liberal), e que tem muitas disputas internas. Alguns nomes que vieram

do movimento pró-Impeachment, ligados aos movimentos de 2013, 2015; há muitos militares ali no meio e conservadores do movimento “escola sem partido”. Frente a isso, o Presidente acabou fazendo uma aposta arriscada: veio com o discurso de que queria fazer o novo, sem repetir as práticas antigas, e acabou colocando na liderança do Governo, tanto na Câmara quanto no Senado, parlamentares inexperientes, de primeiro mandato, que nunca exerceram outros cargos públicos. Isso cria também um ruído para o Governo, isto porque, esses líderes não têm a malícia daqueles parlamentares que estão há mais tempo. Na verdade, quem manda no congresso são os parlamentares que estão há mais tempo, conhecem os bastidores, têm suas alianças. Então, chega esse pessoal novo, às vezes com muita vontade, alguns mais para fazer barulho, outros com algumas intenções, enfim, mas não conseguem fazer nada, seja por incapacidade, por falta de experiência de articulações ali dentro. Acaba que o Rodrigo Maia se viabilizou como uma grande referência do Governo porque não tinha outro nome. O Bolsonaro não tinha uma outra opção dentro do seu partido ou de algum outro partido próximo para ter um aliado, um interlocutor. Existia o Rodrigo Maia que já estava lá e que fizera um loteamento de cargos dentro da Câmara para se reeleger - vive dificuldades para contemplar os aliados com tantos cargos que ele prometeu. Enfim, ele conseguiu se reeleger com o apoio de mais de 15 partidos, mesmo estando no DEM. Aqui em Brasília todos sabem que ele não tem uma boa relação com o ministro da Casa Civil (Onyx Lorenzoni), pois apesar de serem do mesmo partido, eles têm uma disputa antiga e interna. Assim, de certo modo, o Maia enfraqueceu o Onyx que, em princípio, seria o articulador do Governo, seria o homem que faria a interlocução com o Congresso, mas acabou não tendo esse protagonismo.

Com isso, como “vingança”, o Onyx contribuiu para a eleição do Presidente do Senado, um parlamentar completamente apagado (Davi Alcolumbre), com raríssimos discursos e poucos projetos, mas que conseguiu, com o apoio do DEM, enfim, aglutinar em torno de si, os senadores que não queriam a volta do Renan Calheiros. Senadores que estavam chegando e queriam marcar posição, dizer que eram contra o sistema que estava aí. Aquele movimento de abertura de voto foi fundamental para ele vencer; quer dizer, a eleição foi secreta, mas os parlamentares abriram o voto, se não tivessem aberto ele provavelmente não teria sido eleito.

**Professor Antonio Marcelo Jackson:** Um parêntese rápido. A eleição para a Presidência do Senado, por si só, merece um capítulo a parte de qualquer conversa, porque naquele momento que foram contatos 82 votos em um total que somente poderia ser de 81, realmente ultrapassou qualquer limite de bom senso.

Lembro da teoria política contemporânea, que trabalha com a ideia de que as instituições têm uma elasticidade limitada, ou seja, a “corda estica” até certo ponto. Essa “corda” pode ser trabalhada em uma tensão bem grande se as peças estão mais ou menos em seus devidos lugares. É lógico que nenhum de nós tem bola de cristal; mas é a ideia de uma Câmara dos Deputados comandada por um sujeito onde o único mérito é que ele sabe “apertar o botão” e que conhece os trâmites, sem que tenha um partido grande o suficiente para sustenta-lo deixa as coisas muito frágeis. Assim, sem uma base parlamentar do Governo, me pergunto até onde a corda vai esticar ou se ela arrebenta em um prazo mais curto. Jamais vi um congresso assim, com uma fragmentação onde o comando está nas mãos de alguém que não tem controle ou cujo controle é tênue. E olhem que nem estou colocando em discussão a falta de projetos do governo Bolsonaro.

**Edson Sardinha:** É esse também outro motivo dessa paralisia dentro do Congresso. Os líderes do DEM estão muito relacionados à distribuição de cargos, mas o Governo está demorando a distribuir os cargos. Os cargos que estão sendo oferecidos muitas vezes não interessam aos parlamentares. E é aí a grande dificuldade do Bolsonaro: diz que não quer governar como era antes, mas ele não sabe como governar. Ele não tem um modelo alternativo e com isso vai deixando um vácuo. Ou seja, ele não sabe o que fazer de diferente. Apesar de sua experiência como parlamente, com quase 30 anos de mandato na câmara, está adotando uma postura no mínimo estranha.

No âmbito da Previdência diz que agora a responsabilidade é do Senado. Afirma que já fez sua parte e sabemos que as coisas não funcionam assim. O Governo é representado pelo Presidente da República e tem, sim, que se envolver dentro do congresso, articular e fazer avançar a sua pauta. Não é porque você vai distribuir um cargo que isso seja, necessariamente, um caso de corrupção. O poder implica muito isso: dividir, saber negociar. Se você não souber fazer isso, não dá.

A história recente mostra presidentes que não souberam fazer isso, como no caso da Dilma em seu segundo Governo. Bolsonaro tem adotado um discurso de certo modo até mais radical que esses ex-presidentes. Dilma, por exemplo, por mais que não tivesse perfil nem eficiência para negociar, tinha ministros, líderes que conseguiam fazer esse papel. Agora, ele vem com um discurso intransigente e enfim, não sabe pra onde vai.

Tentou o apoio dos partidos do chamado “Centrão” (como o próprio DEM, PSD, etc), mas mesmo esses partidos não têm interesse hoje em participar do Governo. Primeiro, que já ficaram fora do primeiro escalão e, segundo, que não sentem firmeza nesse governo. Sentem-se mais poderosos que o próprio governo, um governo que se elegeu praticamente em um partido só e não consegue sair disso, não consegue ampliar sua base.

Se você olha no Senado, por exemplo, um partido que tem quatro senadores, que apoio tem o Bolsonaro ali? Em tese não tem nenhum, porque ali os parlamentares ou são da oposição ou são independentes - a maioria se declara independente. Como você vai conseguir governar em um Senado desses? Tem que negociar, conversar, atender. Essa é uma outra crítica que tem sido feita: ele não tem atendido os parlamentares, ele não tem nem mesmo um encontro. Assim, os parlamentares reagem muitas vezes negativamente, muitas vezes os parlamentares do próprio partido do Presidente reclamam do tratamento dados pelos ministros. Muitos desses ministros também não têm um perfil político, um passado político, e não sabem muito bem como lidar com os parlamentares.

Então, como você disse, não temos bola de cristal para prever nada, mas, é um governo que tem dado sinais preocupantes e é um governo que tem a si mesmo como principal opositor. Ou seja, é o próprio governo o maior causador de crises até agora. Quer dizer, nesses três meses sofre duas derrotas na Câmara e já está com a popularidade baixa quando comparado a outros governos em mesmo período. Ele tem que tomar muito cuidado para que essa queda na sua popularidade não se transforme num trunfo a mais para o Congresso eventualmente derrubá-lo.

Hoje já não tem mais o apoio total do mercado, o mercado se decepcionou muito com ele, principalmente com esses desajustes. Conseguiram montar uma equipe econômica forte, com nomes no mercado, nomes bem liberais, mas, sentem que essa falta de articulação do governo, falta de comando, está fragilizando o conjunto.

**Antonio Marcelo Jackson:** Vários analistas já falaram sobre Jair Bolsonaro ter a sua origem do baixíssimo clero (ele não era do baixo clero, ele era do baixíssimo clero: nunca fez parte de comissão nenhuma, nunca fez parte de qualquer grupo do Congresso Nacional que debatesse alguma coisa). Demonstra claramente a sua incapacidade de entender, por exemplo, que no “presidencialismo de coalizão” o Chefe do Executivo deve negociar com o Legislativo. Foi esse “monstro”, esse “Frankenstein”, que a Constituição de 1988 criou, e até que se modifique, é assim que deve funcionar. Ele não entende porque ele nunca fez parte de comissão alguma, nunca foi convidado para entrar num palácio qualquer para ouvir qualquer negociação.

Acredito que o problema todo é que, ao ganhar a eleição, ele trouxe consigo o baixíssimo clero das demais áreas, pessoas sem qualquer capacidade e entendimento de negociação. Talvez não na situação extrema do falecido Severino Cavalcanti, que ao ganhar a Presidência da Câmara, a primeira coisa que disse que queria era “a diretoria da Petrobras, que furava poços”. Eu não digo que chegamos nesse extremo, da avacalhação da distribuição de cargos, como foi a proposta de Cavalcanti. Mas, concordo com você, que o fato de distribuir cargos, de negociar, isso faz parte. Até pelo sistema político que nós temos. O que talvez possa exigir é que as pessoas sejam mais técnicas. Ou então que você tenha a capacidade, por exemplo, que o Lula tinha no seu governo, de chamar todos os parlamentares no Palácio do Planalto e conversar. Uma boa dose de whisky lá e convencia todo mundo.

Eu lembro de ter encontrado políticos de centro-direita e de direita que eram encantados com o Lula na época. Era uma coisa surpreendente, vindo de pessoas que eu nunca imaginei que agiriam daquela forma. Mas, era isso que você falou, essa capacidade de dizer “olha, vamos conversar”. Então, na medida em que ele não chama, na medida em que ele não distribui, ou distribui muito mal esses cargos (não chega no extremo do Severino Cavalcanti, mas também não vai para lugar nenhum), acaba abrindo espaço para o Exército, que não tem tanto voto assim. Há uma quantidade enorme de generais e generais não votam – ao menos, não na quantidade que ele desejaria.

**Edson Sardinha:** Ele sempre teve esse perfil de não discutir. De não ir, exatamente, para o debate. Tinha uma postura de deputado do confronto, mas não aceitava ideias diferentes da dele. E na campanha eleitoral também, antes já estava se esquivando de debates e, com o atentado que ele sofreu, enfim, não debateu. Então, acaba, muitas vezes, governando para dentro e não para fora e se limitando a conversar com aqueles seguidores mais fanáticos. Há uma parcela do eleitorado que votou nele, não exatamente porque morria de amores, mas para tirar o PT (Partido dos Trabalhadores), para derrotar o PT. E hoje muitos desses eleitores já estão decepcionados com ele, vendo a incapacidade do governo. Acho que havia também a expectativa de alguns eleitores que votaram nele assim: “não, ele fala muita coisa, mas quando virar presidente não vai fazer mais isso. Não vai adotar mais esse discurso”. E está repetindo muitos dos discursos que tinha. Está sendo ele mesmo, na verdade, um político sem propostas, sem projetos, sem capacidade de dialogar, de ouvir o outro, de ceder. Então, de certo modo,

já era algo esperado. Mas, talvez, não nessa dosagem. Havia uma expectativa de que esses partidos do centro e do centro-direita migrassem para a base dele, o que não ocorreu. Isso está complicando muito a vida dele.

**Antonio Marcelo Jackson:** Aliás, Edson, uma brincadeira rápida: a gente pode dizer então que, no final das contas, ao contrário dos políticos tradicionais, ele cumpriu o que prometeu. Ele não está fazendo absolutamente nada.

**Edson Sardinha:** Exatamente.

**Antonio Marcelo Jackson:** Ele está cumprindo e ninguém pode reclamar (risos).

**José Medeiros:** Eu estou observando essas colocações dos amigos como hipóteses, porque aqui o que poderemos fazer é levantar hipóteses, já que não dá para precisar com exatidão o que realmente está acontecendo no início desse novo governo.

Às vezes eu começo a perguntar-me se eu não estou usando os meus mecanismos antigos de análise para compreender uma realidade nova que está em curso. E, se isso estiver acontecendo comigo, pode ser que eu não seja capaz de precisar o fenômeno que eu gostaria de compreender. Não se trata de gostar ou não gostar; concordar ou não concordar, mas de compreender, de fato, o que está acontecendo. Acho que é a nossa tarefa.

Então, por exemplo, se olharmos a questão da distribuição de cargos pelos grupos de apoio que o próprio Edson mencionou, como o financista, religiosos, militares, etc., essa distribuição foi feita já no primeiro escalão. O que aconteceu é que essa distribuição se deu sem mediação parlamentar, mas através das representações dos grandes grupos de apoio responsáveis pela eleição do presidente.

Nessa nova modalidade de governança que está sendo tentada, também não se pode desconsiderar o suporte e o apoio dado pelas forças armadas. Isso é importante, principalmente em uma situação de uma crise política aguda. No caso de um cenário de enfrentamento social profundo, um núcleo militar coeso ajudaria na sustentação do governo, como ocorre atualmente com a Venezuela. Essas são possibilidades que não podem ser descartadas dentro dos cálculos políticos.

Por outro lado, é preciso também considerar que esse governo possui um forte apoio tanto dos EUA quanto de Israel. Dois grandes jogadores da geopolítica mundial. E isso pode fazer muita diferença na condução da nossa política interna.

É importante realçar ainda a relevância do comprometimento dos militares com o atual governo. Se esse governo fracassa, a legitimidade da nossa força militar também será comprometida, pois queira ou não ela entrou, com esse governo, novamente para o centro da luta política.

Voltemos à hipótese inicial, ou seja, a do sufoco do parlamento como parte da estratégia de governabilidade. Se vai dar certo ou não, veremos. O problema dessa fórmula será a reação dos parlamentares, ao se perceberem cada vez menos relevantes.



A fragilidade de grande parte dos parlamentares pode estar na incerteza, principalmente de uma reação de importantes grupos da sociedade “organizados” através das redes sociais. Um exemplo disso foi quando o presidente da Câmara dos Deputados, Rodrigo Maia, respondeu asperamente contra o ministro da Justiça Sérgio Moro, que o pressionava para pautar um projeto relacionado à segurança. A repercussão nas redes sociais por esse grupo que viabilizou a eleição de Jair Bolsonaro foi imediata. Então, coincidente ou não, logo percebemos um recuo por parte do Rodrigo Maia.

É importante considerar que essa base de apoio de Bolsonaro, com forte atuação nas redes sociais tem um peso significativo no processo político em curso, assim como também tem muito peso as declarações dos generais .

Eu gostaria de ouvir do Edson as suas percepções sobre alguns desses fatores. A relação entre os poderes e também essa percepção sobre o papel do próprio Parlamento e dos partidos. Os parlamentares são importantes, mas os partidos perderam relevância nesse novo momento político que vive o Brasil.

**Edson Sardinha:** Havia uma expectativa do presidente de governar, não com os partidos, mas com as bancadas temáticas, principalmente os evangélicos, a chamada bancada da bala e a bancada ruralista, que são as três bancadas mais fortes hoje. Mas isso não se concretizou até agora.

A “bancada evangélica”, por exemplo, tem suas diferenças internas, tem disputa de poder ali, e nem todos se sentem contemplados, por exemplo, com a ministra Damare Alves (ministra da Família, Mulher e dos Direitos Humanos). Você tem um grupo ali que queria ter o Ministério da Educação, que é um ministério mais importante.

Na questão do agronegócio, você tem na “bancada ruralista”, certo embate com o Ministério da Economia, porque eles se acostumaram com uma coisa histórica, um setor de rolagem de dívidas, com margens, com programas de refinanciamento de dívidas, coisas que o atual Ministério da Economia rejeita. Então teria, em determinados momentos, uma queda de braço. Eu acho que isso também dificulta para ele ter o apoio dessa bancada.

Por fim, tem a chamada “bancada da bala”, que cresceu bastante nessa legislatura, mas não tem ainda esse poder de fazer uma diferença, por exemplo, em uma votação, que uma “bancada ruralista” ou uma “bancada evangélica” têm. Ou seja, ela acaba se envolvendo mais em questões de segurança mesmo, enquanto que as outras bancadas conseguem sair do seu próprio nicho.

Por outro lado, você tem toda razão quando afirma que existe uma coisa calculada também do Bolsonaro, de como ele sempre usou nos discursos um inimigo, que é esquerda, vai ser sempre a esquerda, mas também em outra medida o Congresso. Ele joga a população, os eleitores dele, contra o Congresso: “ah, eu estou fazendo a minha parte, mas o Congresso não está fazendo”.

Contudo, acho que, por mais que esses partidos de fato estejam enfraquecidos, até pelo grande número de partidos existentes (temos mais de trinta partidos no congresso), na verdade, não temos mais nenhuma super bancada, como já teve no PMDB (Partido do

Movimento Democrático Brasileiro, atualmente MDB), o próprio PT, e o PFL (Partido da Frente Liberal). Hoje não temos nenhuma super bancada e, de fato, os partidos não estão tendo essa força toda. Se pulverizou muito o poder. Mas os parlamentares ainda têm bastante poder.

Como eu estava falando antes, existem os ministérios ligados aos militares, evangélicos, Olavo de Carvalho, os financistas, etc, mas, para aprovar as propostas é preciso os votos daquela turma que está lá dentro do Congresso, e que, muitas vezes, não se sente contemplada com as ações desse governo.

**Antonio Marcelo Jackson:** Mesmo esses apoios internacionais que o Bolsonaro quer, eles também são apoios muito tênues. Estão dependendo de realidades políticas que não necessariamente funcionam da forma que ele desejaria. Assim, voltamos ao problema ao qual o Edson chamou a atenção, de que no final, é a política como sempre foi. Essa negociação de bancada. Bancada aí no sentido de bancada mesmo; cada um do seu lado da mesa negociando, o partido etc. Então, no final, é isso. É claro que há uma tensão, de um lado ele quer governar de uma forma nova, porém existe uma realidade que não bate com essa forma. As duas coisas, talvez gerem uma terceira, nenhum de nós tem bola de cristal.

**José Medeiros:** É compreensível que um governo completamente novo, sob muitos aspectos, não conheça bem o funcionamento da máquina. Assim, há um choque entre o desejo do governo e a funcionalidade dessa máquina.

Isso tudo é compreensível. Porém, o fator que vai ser decisivo, é se a economia vai melhorar em curtíssimo prazo ou não. Se vai gerar empregos e proporcionar um alívio na dura vida do povo. Outro fator importante para a credibilidade do novo governo vai ser a questão da segurança pública.

O Governo possui uma base de apoio popular que não pode ser desconsiderada. Talvez chegue a apenas 25% da população, mas é um número significativo, pois nesse momento existe uma fragmentação política acentuada. E ter 25% hoje não é nada mal num Brasil tão dividido. Hoje nem uma força política isolada tem mais do que isso.

A questão mais relevante para estabilidade política nesse momento não passa necessariamente pela harmonia ou não com o legislativo, mas se o governo será capaz ou não de equacionar satisfatoriamente os problemas da segurança e do desemprego. Agora é a hora do “vamos ver”. Já são 13 milhões de desempregados.

Não podemos também achar que o povo estava satisfeito com os rumos do Brasil, antes da eleição de Bolsonaro. Existiu um crescimento econômico, uma empregabilidade muito grande, principalmente no Governo Lula. Em 2014, no governo da Dilma Rousseff, chegamos a ter menos de 5% de desempregados. Mas a sensação de corrupção e insegurança desconstruiu todas essas conquistas.

Concluindo essas reflexões, gostaria de chamar a atenção para as possíveis consequências de um aprofundamento da luta política em curso. Por exemplo, determinados setores da sociedade já estão ventilando a possibilidade da queda do Bolsonaro. Nesse caso, a Presidência cairia nas mãos do General Mourão. Penso que

isso poderia desencadear um processo temeroso, com graves riscos para a nossa ainda frágil democracia. É preciso responsabilidade, para não cair nessa tentação, mesmo que não se goste do presidente Bolsonaro.

Estamos em um período em que ao se embarcar na desconstrução irresponsável do governo Bolsonaro se poderá empurrar o Brasil para momentos politicamente tenebrosos. Talvez um Mourão seja o desejo de consumo atual do setor financeiro, ou de grupos como a rede Globo, etc., mas isso seria um tremendo retrocesso para o Brasil. Daí a grande responsabilidade desse setor político brasileiro que se considera mais democrático ou mesmo de uma oposição mais à esquerda, que realmente esteja compromissada com o avanço democrático do país.

É preciso muito cuidado com o atual estágio desse jogo. Talvez o reforço dos debates no parlamento, o fortalecimento dos partidos, uma serenidade nos enfrentamentos das ideias e dos programas, mais respeito e racionalidade nas discussões sejam armas fundamentais para nos distanciar de determinados precipícios. Não se pode alimentar essa onda de irracionalidade e messianismo, tão constante na tradição política brasileira.

**Antonio Marcelo Jackson:** Infelizmente, até eu queria falar muita coisa, só que nosso tempo está chegando no limite. Dito isso, eu gostaria de pedir a vocês as últimas considerações para encaminharmos o encerramento desse fórum, já sabendo que é inevitável que você, Edson, venha participar de outros mais. Aliás, eu estou pensando seriamente em incluí-lo entre os membros fixos do fórum.

**Edson Sardinha:** Seria uma honra. Agradeço mais uma vez pela oportunidade de conversar com vocês e de aprender com vocês. Estou sempre aberto, à disposição sempre que precisar. De fato, é um período muito complicado, muito imprevisível. Já há muitos anos, não é de agora que estamos vivendo isso, uma crise atrás da outra, uma vai cobrindo a outra sem resolver nada, vai virando um bolo de crises num momento de muita incerteza, de um governo fraco, de um Congresso que também não se formou, não mostrou para que lado vai, embora tenha essa base maciça conservadora.

Esse Congresso não chegou nem a ter uma “lua de mel” bem-sucedida com o governo, foi uma “lua de mel” muito curtinha. Geralmente são cem dias; mas em oitenta dias o Rodrigo Maia, o Bolsonaro e o ministro Sérgio Moro já estavam se estranhando.

E eu acho que não é uma coisa só entre o congresso e o Executivo. O Judiciário também está num clima ruim, os parlamentares chegaram agora no congresso com um discurso muito bruto contra o Supremo. Enfim, a gente não sabe ainda como o Supremo vai reagir a isso. A terceira força é o Supremo Tribunal Federal. E o Supremo vem fazendo política há um tempo, influenciando em decisões políticas e eleições. Essa é outra coisa também para observarmos, o papel do Supremo nessa crise toda. E a Lava Jato, que também é uma questão complicada, pois há o “espírito de porco” entre os parlamentares. Fica sempre uma expectativa, “será que eu vou ser o próximo? ”. O próprio Rodrigo Maia tem uma investigação contra ele na Lava Jato, então alguma novidade pode surgir daí também, mudando bastante o clima político.

**Antonio Marcelo Jackson:** José, últimas palavras.

**José Medeiros:** As últimas palavras são apenas para agradecer ao Edson, pois a sua vinda enriquece realmente o nosso Fórum. Você é um analista que, quase como um fotógrafo, vai destacando os pontos centrais do quadro, que é o que nós precisamos para fazer análise. E eu penso que o grande desafio de hoje é termos fotografias que reflitam os elementos que compõem a realidade para podermos projetar com mais segurança as tendências e tomar, talvez, os cuidados, ou nos preparar melhor para nos posicionar adequadamente diante dos possíveis cenários. Então, mais uma vez nosso agradecimento ao jornalista Edson Sardinha, que ao se somar ao nosso Fórum Internacional de Ideias enriquece ainda mais essa plataforma.

**Edson Sardinha:** Eu quem agradeço.

**José Medeiros:** O Professor Antonio Marcelo eu não preciso mais elogiar, porque sem ele e sem a Universidade Federal de Ouro Preto, nada disso existiria.

**Edson Sardinha:** É um prazer participar com vocês.

**Antonio Marcelo Jackson:** Um grande abraço a todos e até o nosso próximo Fórum Internacional de Ideias.